

Instituto de Estudos Sócio-Ambientais



UFG

ISSN 0101708X

BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

v. 27, n. 2, jan./jun. 2007



Resenhas

RESENHA

DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo editorial, 2006

José Vandério Cirqueira Pinto – UFG

vanderio@hotmail.com



De forma crítica e objetiva, Mike Davis apresenta *Planeta Favela*, texto organizado em oito capítulos, um epílogo e um posfácio elaborado de forma clara e contundente por Ermina Maricato, que elogia o trabalho do autor, ressaltando, também, os pontos divergentes no texto em questão e a excessiva dose de pessimismo com relação ao destino das cidades.

Com uma linguagem corrosiva, às vezes irônica e dilapidadora, Davis ataca frontalmente as organizações supranacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, despejando uma torrente ceticista em vista de seus projetos neoliberais. Segundo afirma o autor, esses projetos visam “resolver” os

problemas das favelas os quais na maioria das vezes, são intensificados com a intervenção de Organizações Não Governamentais (ONGs) mal intencionadas que se sustentam pelo discurso de suprimir as desigualdade sociais naqueles ambientes subnormais, mas que na verdade disseminam a opressão e a conseqüente alienação desses indivíduos inseridos nesses ambientes tratados como “excremento humano”.

O autor inicia o primeiro capítulo argumentando, com base em dados quantitativos e qualitativos, acerca do crescente processo de urbanização

mundial, dando ênfase à segunda metade do século XX, período no qual ocorreu acelerado processo de urbanização dos países menos desenvolvidos, contrariando as mais “precisas” projeções estatísticas. De um modo geral, as principais megacidades estão em países ditos subdesenvolvidos ou emergentes, caso de Cidade do México, Seul-Incheon, São Paulo, Bombaim, Déli etc. Para Davis, a explicação mais plausível dessa urbanização intensiva nos países pobres tem sua gênese na consolidação dos efeitos da globalização que, ao gerar drásticas alterações à estrutura produtiva fundiária, causou o deslocamento de grande quantidade de desempregados para os núcleos urbanos, configurando bolsões de indivíduos pauperizados.

Nos arrabaldes de várias megacidades, configurou-se a contraposição de estruturas conurbadas metropolitanas, espectro da concentração demográfica e da diversidade de objetos geográficos intermediados pelos fluxos sociais. Contraposição denominada de *desakotas* (“aldeias-cidades”), ou seja, padrões híbridos de uso da terra que se desenvolvem em áreas periurbanas, desvinculadas da articulação urbana e rural, tendo em vista uma paisagem em transição rural/urbana. Estes espaços foram identificados pelo autor em todo o mundo subdesenvolvido ou emergente.

Discutindo sobre essa ambivalência encontrada nas megacidades dos países menos desenvolvidos, Davis demonstra que, após a década de 1970, o crescimento das favelas no hemisfério sul superou a urbanização propriamente dita, tendo um acréscimo populacional de 25 milhões de pessoas a cada ano nas favelas do mundo.

Outra assertiva relevante desenvolvida pelo autor refere-se ao fato de muitas cidades do continente africano, asiático e latino-americano terem sua urbanização desvinculada radicalmente da industrialização, fato paradoxal, mas que ocorre em razão de políticas de desregulamentação agrícola e financeira impostas pelo FMI e o Banco Mundial políticas que, com o advento da globalização, continuaram a gerar êxodo da mão-de-obra excedente para favelas urbanas. Segundo Davis, a crise na indústria, gerada pela globalização, intensificou a favelização portadora de desempregados ou trabalhadores informais, ou mesmo a formação de cidades consideradas “mortas” como é o exemplo de Kinshasa no Zaire, onde só 5% da sua população ganham um salário regular e o restante vive na informalidade plantando hortas, contrabandeando, comprando e vendendo bugigangas; dos seus estimados seis milhões de habitantes quase não se vêem carros nas ruas, o dinheiro não tem valor expressivo, além de não existir classe média e em cada cinco adultos um é portador de HIV.

Ao concluir o primeiro capítulo, Mike Davis afirma que em vez das cidades do futuro serem feitas de aço e vidro como fora previsto pelas gerações anteriores de urbanistas, serão construídas em grande parte de tijolo aparente, palha, plástico reciclado, blocos de cimento e restos de moradia. “Em vez das cidades de luz arrojando-se aos céus, boa parte do mundo urbano do século XXI instala-se na miséria, cercada de poluição, excrementos e deterioração” (Davis, 2006, p. 29).

No capítulo segundo, intitulado *A generalização das favelas*, o autor, referindo-se ao significado da definição de favela (*Slum*) argumenta que ela deriva do inglês e sua aparição se deu em 1812 no *Vocabulário de linguagem vulgar*, como sinônimo de estelionato ou comércio criminoso. Na verdade a definição inglesa *slum* refere-se a locais sujos, becos, ruelas habitadas por uma população miserável e criminosa. Portanto, o autor, mesmo sabendo que cortiços, ruelas e becos diferem de favelas propriamente ditas, trata o assunto englobando todo tipo de habitação subnormal ou pauperizada com *slum*. Já no Brasil, o termo favela não deriva de *slum* e sim de uma planta encontrada na região nordestina onde ocorreu a Guerra de Canudos. O fato de os soldados do exercito terem combatido Canudos e ao voltarem se instalaram no Morro da Providência no Rio de Janeiro, em forma de protesto ao governo na década de 1880, deu origem a primeira favela do Brasil.

Para Davis, existem favelas formais no núcleo metropolitano, como os cortiços, casarões antigos, autoconstrução, pensões etc. E favelas informais, como invasões e território de moradores de rua, todas concentradas, em sua maioria, no núcleo central ou em suas imediações. Já as favelas localizadas na periferia podem ser, aluguéis particulares, entendidas como formais e loteamentos clandestinos, campo de refugiados e invasões, classificadas como informais. Segundo a metodologia utilizada pelo autor o Brasil é o terceiro país com o maior número de população urbana favelada (51,7 milhões), atrás da China (193,8 milhões) e Índia (158,4 milhões).

O interessante é perceber, conforme é demonstra-se no texto, que esse empurramento segregacionista da população para áreas desprivilegiadas de assistência social ou para periferias longínquas que acabam formando favelas, advém do comportamento colonial arraigado na estrutura social dos países ex-coloniais do sul. Como ocorre nos Estados Unidos e em algumas cidades terceiro-mundistas como Joanesburgo e São Paulo, a classe abastada deixa o centro e se instalam em subúrbios equipados configurando um movimento inverso de segregação periférica abastada, fazendo aflorar enclaves, enquanto a população de menor poder aquisitivo ocupa prédios abandonados em áreas deterioradas.

Ao concluir o capítulo, Mike Davis denuncia com perspicácia a mercantilização imobiliária empreendida no interior das favelas. Portanto, coexiste um mercado imobiliário informal extremamente lucrativo de áreas irregulares, precárias ou de posse do poder público, mostrando que a privatização dessas invasões desmistifica a idéia de terra gratuita criando na verdade uma condição opressiva no interior da contradição capitalista da habitação irregular. Outro fator discutido é a configuração de favelas nas orlas marítimas que recebem despejados, refugiados, migrantes rurais etc., todavia, “a principal junção da orla urbana no Terceiro Mundo continua a ser a de depósito de lixo humano” (p. 55).

No terceiro capítulo, o autor dedicou-se a discutir a recusa do Estado em intervir nas favelas com infra-estrutura e assistência social. A principal argumentação se pautou nos esforços do Estado em criar mecanismos que barrassem e impedissem ou mesmo expulsassem camponeses, desempregados do campo, indivíduos indesejados na cidade de um modo geral. Após a Segunda Guerra não foi possível conter a disseminação de favelas, os fluxos migratórios se tornaram cada vez mais intensos e a recusa do Estado em organizar esses fluxos desreterritorializantes de indivíduos acabou acelerando a formação, do que o autor classifica, de “depósitos humanos”. Inicialmente a favela poderia ser evitada e, apesar de tentativas frustradas de alguns países em removerem e assentarem pessoas fora das favelas, o espaço de assentamento subnormal se tornou lugar-comum.

No capítulo intitulado *As ilusões do construa-você-mesmo*, Mike Davis demonstra que, quando os governantes do Terceiro Mundo abdicaram da batalha contra as favelas na década de 1970, o Banco Mundial e o FMI despejaram ações intervencionistas milionárias para políticas habitacionais de cunho neoliberal, calcados no discurso de melhorar as favelas em vez de substituí-las. O agravante desses programas ambiciosos de reforma estrutural da pobreza se deu pelo fato de terem sido impostos de cima para baixo. Por sua vez, Davis ataca a junção intelectual do arquiteto anarquista John Turner e o presidente do Banco Mundial Robert McNamara. O primeiro estabeleceu que a autoconstrução na favela fosse a panacéia da emancipação autogestionária no mundo habitacional e o segundo, neoliberalista fervoroso, injetou investimentos aos projetos de reformulação das favelas.

Agregado a esse “novo modelo” de recuperação das favelas, Davis demonstra o papel das ONGs em se promoverem por meio das favelas para a obtenção de lucros com o gerenciamento de privatizações da terra informal, embasado nas teorias de De Soto, classificado ironicamente pelo autor de o

guru global do populismo neoliberal. Ao final, alerta para o fim da fronteira urbana, afirmando que, os espaços gratuitos ocupados tiveram sua expansão exaurida e hoje vê-se a intensa concentração populacional em espaços precários, subnormais e com preços abusivos.

Dando continuidade, no capítulo cinco, o autor argumenta sobre o aumento do preço da terra nas favelas, sobre a criminalização e o processo de segregação como condicionante Estatal de estratificação das classes sociais.

A segregação urbana não é um *status quo* inalterável, mas sim uma guerra social incessante na qual o Estado intervém regularmente em nome do “progresso” do “embelezamento” e até “justiça social para os pobres”, para redesenhar as fronteiras espaciais em prol de proprietários de terrenos, investidores estrangeiros, a elite como suas casas próprias e trabalhadores de classe média (p. 105).

A noção materializante da segregação espacial é aludida pelo autor com o exemplo dos Condomínios Horizontais ou como o classifica *Off Worlds*. Uma cidade dentro da outra, isolada das intempéries urbanas, o arquétipo de uma cidade utópica e inverso grotesco da favela.

No sexto capítulo, intitulado *Ecologia de favela*, além de o autor demonstrar atento conhecimento à estrutura geológica e geomorfológica de onde as principais favelas do mundo estão assentadas, e incisivo conhecimento das condições patológicas derivadas das insalubridades, utiliza uma linguagem que escancara a precariedade ecológica vivenciadas, nas favelas, que chega a chocar qualquer leitor desatento com as bizarrices sanitárias nelas encravadas, levando o leitor a um mundo aparentemente irreal, absurdo e distante e que na verdade não se encontra somente na África, como é constantemente citado, mas também na Ásia e na América Latina.

De forma didática, é discutido sobre os locais de risco ocupados por favelas como as encostas, planícies de inundações, morros, leito de drenagens, desertos e pântanos, fazendo um giro pelo planeta favela, destacando o Brasil e a Venezuela.

No item *As patologias da forma urbana*, o autor demonstra dados e situações de precariedade social em níveis absurdos de sobrevivência. Comenta as invasões de reservas ambientais, o drama dos incêndios criminais e acidentais como forma de “enobrecimento” ou mesmo, re-parcelamento do solo urbano, além do caos no trânsito advindo da concentração urbana e das mortes por questões sanitárias e HIV. De forma mais pitoresca, no item *Vivendo na merda*, são discutidos a desumana concentração populacional nas residências das favelas e a deteriorante insalubridade das favelas, principalmente das africanas.

No penúltimo capítulo, Mike Davis demonstra o estrondoso acréscimo da pobreza e da favelização. Novamente, ataca o Banco Mundial e o FMI com seu Programa de Ajuste Estrutural (PAE) acusando-o de disseminador das favelas e da opressão. Mostra que além da década de 1980 ter sido estagnada, a década de 1990, que prometia esperanças, foi um fracasso com relação à assistência social, complementada pelo aumento da pobreza. À medida que a Índia e a China se tecnificaram à sombra da globalização neoliberal, acirraram-se concomitantemente a desigualdade e a pauperização dos indivíduos, favorecendo uma lógica que eximiu a produção agrícola e favoreceu a proliferação da tecnologia gerida por poucos empresários, beneficiada por poucos indivíduos.

Em *Humanidade excedente?*, Mike Davis demonstra que o empurramento indesejado das pessoas do campo para as favelas trouxe sérios impactos aos países latino-americanos e asiáticos, principalmente no mundo do trabalho como a abrupta proliferação das atividades informais. Ao criticar De Soto, árduo defensor neoliberal do mito da informalidade como saída para a crise do trabalho, Davis mostra que o setor informal se sustenta por uma lógica espropriativa da articulação capitalista neoliberal.

Se o setor informal não é, então, o admirável mundo novo visualizado por seus entusiastas neoliberais, quase com certeza é um museu vivo da exploração humana. [...] Falo não somente de resquícios e ativismos cruéis, mas principalmente de formas primitivas de exploração que ganharam vida nova com a globalização pós-moderna – e o trabalho infantil é um importante disso (p. 185).

No epílogo *Descendo a Rua Vietnã*, Davis conclui seu *Planeta Favela* de forma cética e denunciativa. Mostra como há uma reprodução da favelização em todos os cantos do mundo dando o exemplo da intervenção estadunidense no Iraque como a mácula do controle e expulsão dos indesejados. *A priori*, o que pode ser notado com esse texto de Davis é a manutenção do discurso contundente envolto por uma crítica mordaz à condição exploratória do ser humano como ocorrera em *Holocaustos Coloniais*, *Planeta Favela* traz à tona uma temática muito presente, não somente nas megacidades, mas nas distintas configurações urbanas. Realidade negligenciada por empresários, pelo poder público e pela sociedade, que, como mostrou o autor, solapa os favelados ou usufrui deles em marcha da reprodução infindável da miséria, palpável pela habitação subnormal.

A clareza com que o autor trata o assunto da favela é um dos pontos mais positivos desse livro, pois escancara um universo múltiplo e desigual

visivelmente presente nos invólucros das cidades. Atualmente, toma uma projeção possivelmente descontrolável, podendo ser o que Davis comentou como a fissura mais incisiva do capital globalizador/fragmentador.

Já de antemão, tratar de favela é adentrar em uma empreitada árdua e complexa, envolta demasiadamente em agressividades à condição humana encontradas nos infundáveis labirintos, becos e ruelas neorotizantes da espacialidade repressiva. Por isso, faltou ao autor discriminar melhor os distintos processos, formas, estruturas e funções configuradas mediante o estigma da habitação subnormal e não englobar favela, beco, cortiços e casarões como sinônimos. Pode ser que faltou ao autor uma dedicação às especificidades de forma apurada ao que representa favela principalmente no Brasil, na China, Venezuela, Haiti, Rússia e Moçambique, por exemplo, daí percebe-se o mosaico conceitual que se tem em mãos.

Conforme argumenta Maricato no pós-fácio, Davis é criticado pelo seu comportamento pessimista. Na verdade, quando se trata de um assunto dramático como esse em questão, as contradições da lógica capitalista são tão cruéis que parece não haver saída e somente o fato de expô-las nuamente como o fez tão bem, incita uma reflexão que busque superar os problemas encontrados nas favelas. Além do pessimismo que gravita *Planeta Favela*, que se aproxima em alguns momentos ao *Viver é sofrer* de Shopenhauer, coexiste um ceticismo desestruturador com relação à globalização, aproximando-se de Santayana.

Vale ressaltar que, muito mais do que discutir sobre o *Planeta Favela*, Davis demonstra incansavelmente como a globalização age como provedora da favelização na esfera mundial, mais especificamente a sua parte austral, cristalizando o jogo geopolítico hegemônico (norte) e hegemônico (sul). Talvez isso explique o motivo de o autor utilizar poucos exemplos de problemas urbanos do mundo desenvolvido. A excessiva justificação da favelização pelo viés dos macrossistemas socioeconômicos e produtivos eliminou a possibilidade analítica das favelas pela perspectiva regional (ou metropolitana) em que elas se inserem ou mesmo por meio da mobilidade territorializante localizada existente de forma preponderantemente na sua configuração segregacionista intra-urbana.

Por outro lado, apesar de Davis encarar *Planeta Favela* mediante múltiplas perspectivas e direcionamentos, o livro é um documento demasiadamente relevante para a geografia urbana. Na verdade, Mike Davis desenvolve uma crítica sobre a geografia habitacional niilista assentada na condição amorfa e nadificadora das favelas, possibilitada pela mais expressiva e de-

clarada espropriação sócio-espacial da globalização.

JOSÉ VANDÉRIO CIRQUEIRA PINTO – Graduado em geografia pela UEG e mestrando em geografia pelo Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA-UFG.

Recebido para publicação em março de 2007

Aceito para publicação em abril de 2007